

*Célia Cristina da Silva Tavares**

Primeiras cartas do Brasil [1551-1555]

HUE, Sheila Moura (tradução, introdução e notas)
Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

A Companhia de Jesus sempre despertou o interesse de estudiosos brasileiros. É impossível negar a importância da presença jesuítica no Brasil, responsáveis que foram pela educação e catequese ao longo de boa parte do período colonial. Por esta razão é possível ver muitos representantes da intelectualidade do país – historiadores, linguistas, ensaístas, economistas, entre outras especialidades –, debruçados sobre as fontes jesuíticas.

As cartas sempre foram as fontes mais consultadas, dentre uma variedade de outras produzidas pelos jesuítas. Primeiramente, por conta do fato de terem sido publicadas pelos próprios inicianos em inúmeras edições, ao longo dos séculos XVI e XVII, e por estas serem encontradas em diversas instituições de pesquisa, ou ainda, em edições mais recentes, com o destaque para o trabalho de Serafim Leite em editá-las. Em segundo lugar, pelo caráter fascinante de suas descrições da paisagem natural, de grupos humanos que mantiveram contato com os portugueses, e do esforço na fixação da congregação jesuítica em território de domínio português na América, entre outros temas.

Justamente por todo esse fascínio, é também um tipo de fonte muito perigosa para se trabalhar. É fundamental saber que as cartas que eram publicadas assumiram uma função de propaganda e legitimação da Companhia de Jesus na Europa católica, pois, ao informar os grandes feitos, fomentavam a admiração por suas ações, difundiam a mensagem da grandeza da congregação, e arregimentavam mais adeptos para as suas fileiras. Aparentemente essa função foi conscientemente trabalhada por parte do fundador da ordem, uma vez que, em 1541, Inácio de Loyola instituiu a *hijuela*, na qual determinava que os problemas enfrentados pelos jesuítas deveriam ser escritos em folha separada da carta que informava os feitos edificantes e exemplares. Assim, o que ficou impresso foi o conjunto de exaltação aos feitos jesuíticos. O estudioso que pretender aprofundar o estudo sabe que é necessário um maior trabalho

* Célia Cristina da Silva Tavares está vinculada ao Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

de pesquisa em arquivos, ou em publicações que reúnam as cartas mais cotidianas dos jesuítas para que seja possível localizar as contradições, os conflitos, as dissonâncias dessa congregação, que consolidou uma imagem para si e de si como a de uma instituição homogênea, monolítica, que de fato nunca foi.

No entanto, isso não retira a importância das cartas edificantes como alentadas fontes históricas. Ao contrário, são textos poderosos e muito interessantes que dão margem a muitas e ricas interpretações, especialmente se trabalhadas com a consciência do que elas significavam para seus contemporâneos. Também devem ser vistas por seu valor literário, uma vez que eram feitas com grande esmero pelos jesuítas, tão preocupados com a forma de escrever cartas quanto era possível aos homens do Renascimento, que privilegiavam a qualidade e o estilo desenvolvidos no texto.

Em um ensaio, Alcir Pécora analisa de forma acurada a estrutura formal das cartas dos membros da Companhia de Jesus atribuindo a elas a característica de serem “um mapa retórico em progresso da própria conversão”.¹ Isso significa afirmar que são produzidas como instrumento decisivo para o êxito da ação missionária jesuítica. O autor recupera as correntes definidoras do estilo epistolar remontando ao século IV, chegando às interpretações e formulações dos humanistas sobre a questão, que teriam contribuído para a sedimentação da proposta jesuítica.

Pécora percebe que na Fórmula do Instituto, base das Constituições da Companhia de Jesus, publicadas em 1558, existem várias menções a exercícios e obrigações dos iniciados e dos admitidos na ordem para que desenvolvam leituras e aprendam as técnicas de redação de cartas, assim como a observância de uma comunicação assídua por escrito entre os representantes na escala hierárquica inaciana.

Para consolidar suas afirmações, Pécora estuda a correspondência de Inácio de Loyola e identifica uma espécie de metaepístola, referência exemplar daquilo que o fundador da Companhia de Jesus recomendava como adequado às obrigações de um jesuíta. A estrutura das cartas apresentada por Pécora é: salutatio (a saudação); captatio benevolentiae (obtenção da simpatia do leitor); narratio (o relato dos acontecimentos); petitio (o pedido de algo necessário para a continuação da obra) e conclusio (a conclusão).

As cartas tinham ainda a função de servirem como elo de ligação entre os vários irmãos jesuítas espalhados por todo mundo conhecido. Eram lidas nos refeitórios dos colégios jesuíticos em Portugal, Itália e outros países, despertando desejos dos noviços pela vida missionária e pelo sacrifício em nome da expansão da fé. As epístolas chegaram mesmo a se constituir como fontes

básicas para a escrita das primeiras “histórias” da Companhia de Jesus em várias partes do Império português.

Assim, pela grande importância das epístolas da Companhia de Jesus, é extremamente bem-vinda esta nova edição das primeiras cartas jesuíticas do Brasil, com o texto traduzido e com grafia atualizada. Especialmente porque isso dá acesso fácil a esse material a novos estudiosos dos temas jesuíticos.

Sheila Moura Hue é responsável pela cuidadosa tradução e faz também a introdução, que discute com muita propriedade as características das cartas edificantes, definindo o possível público leitor; as alterações feitas nas cartas a partir de uma censura que estabelecia o que deveria ser publicado; a própria história das primeiras cartas; e por último a história das primeiras edições que servem de base para a publicação atual. Discute tudo isso de maneira clara e precisa, obedecendo, assim, às regras básicas de método de quem trabalha com a História do Livro.

No entanto, o que evidentemente deu mais trabalho para Hue foi a elaboração das notas. Mesmo pagando tributo às notas de Hélio Viotti, sobre Anchieta, e Serafim Leite, sobre Nóbrega, percebe-se a engenhosidade original da pesquisadora ao convocar o auxílio de Ângelo Augusto dos Santos com as notas sobre animais e plantas. Assim, curiosidades muito interessantes podem ser aplacadas, sendo um elemento facilitador da leitura e dando erudição ao seu trabalho. Há ainda explicações de caráter geográfico e antropológico (o que mais uma vez faz a diferença, pois nas edições anteriores, não era possível acrescentar algumas informações tão atualizadas sobre o tema das populações indígenas, por exemplo), além de pequenas, mas precisas, biografias sobre os autores de cada carta.

O tratamento gráfico também é de extremo cuidado, tendo cópias fac-similadas da primeira página das cartas acompanhando a abertura de cada uma delas, o que dá a idéia da forma de impressão das mesmas para aqueles que nunca tiveram a chance de ter os exemplares originais em suas mãos.

Verdadeiras “gazetas do tempo”, segundo os dizeres de Serafim Leite, citado por Hue, as primeiras cartas dos jesuítas sobre o Brasil merecem visitas seguidas, e com essa edição proporciona-se ao estudioso uma leitura ágil e descomplicada, com um bom suporte de informações provido pelas notas. O resto, o mais, é deleitar-se com a qualidade da escrita das cartas e com a riqueza de informações nelas registradas, que servem como fontes de sempre inesgotável importância.

Notas

1 PÉCORÁ, Alcir. “Cartas à segunda escolástica”, In: NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 373-414.